

CRENÇA E PROFISSÃO

Getúlio Abreu Mossellin

Entre as lidas do passado,
Algumas vou relatar.
E também homenagear
Os benfeitores de outrora.
Nestes versos conto agora
Um pouco destas funções.
A crença e as profissões
Desta gente lá de fora.

Te lembra das benzedadeiras...
Que curava todo o mal.
Crianças, homens e animal,
Para tudo elas davam um jeito.
Garganta, ouvido e dor no peito,
Dor de dente e rendidura,
Esta humilde criatura
Que eu tenho maior respeito.

Alguém lembra do mascate?
O vendedor ambulante,
Este antigo comerciante
Da campanha e do povoado.
No seu bolicho toldado
Sobre rodas de madeira,
Do litoral a fronteira
Vendia a vista e fiado.

Já ouviu falar dos ferreiros,
Da marreta e do tenaz.
O templador de machado,
Facas, enxadas e pás.
Ponta de arado e bolcadeira.
Ganchos, elos e passadeira,
Onde o aço retinia
Nesta profissão bravia,
Da velha estirpe campeira.

Morador "a retirado"
Das casas grandes da estância.
Até lá, muita distância,
Pra chegar ao posto campeiro,
A morada do posteiro,
Guardião dos fundos de campos,
De noite só os pirilampos,
Faziam a vez de candeieiro.

E a porteira de campanha;
A terceira das avós.
Pois ela ajudou a nós.
Ao vir ao mundo com jeito.
Pra depois, levar ao peito.
Pra primeira refeição
Fazia com o coração
Com muito amor e respeito.

Nos tempos dos matadouros
Que existia de primeiro
Pois vinha o velho "chureiro",
O açougueiro ambulante
Que empurrava por diante
a carrocinha de lata
Vendia miúdos e patas,
Este humilde comerciante.

A esta gente de outrora,
Que a gente sente saudades.
Das suas capacidades
De nos deixar um legado.
Que o progresso esqueceu
E no tempo se perdeu
Por ser coisa do passado.